

# REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO  
ELENO MARQUES DE ARAÚJO  
ELISÂNGELA MAURA CATARINO  
(ORGANIZADORES)



# REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO  
ELENO MARQUES DE ARAÚJO  
ELISÂNGELA MAURA CATARINO  
(ORGANIZADORES)



### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina



Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Reflexão sobre temas e questões em áreas afins à filosofia

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Marcelo Máximo Purificação  
Eleno Marques de Araújo  
Elisângela Maura Catarino

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexão sobre temas e questões em áreas afins à filosofia [recurso eletrônico] / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Eleno Marques de Araújo, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-390-3

DOI 10.22533/at.ed.903201609

1. Filosofia. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Araújo, Eleno Marques de. III. Catarino, Elisângela Maura.  
CDD 100

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

“Há três métodos para ganhar sabedoria: primeiro, por reflexão, que é o mais nobre; segundo, por imitação, que é o mais fácil; e terceiro, por experiência, que é o mais amargo”. (Confúcio)

Caríssimos leitores, fazemos chegar até vocês o livro – Reflexões sobre Temas e Questões em Áreas afins à Filosofia. Uma obra que reúne textos de autores de vários estados e instituições do Brasil, que tem como foco promover o diálogo e a reflexão filosófica. A leitura filosófica é viva e contempla em seu arcabouço temas como: virtude, verdade, democracia, emancipação, política, racionalismo, normalização, humanidade, liberdade entre outros.

A obra é composta por 11 trabalhos que materializam estudos que foram desenvolvidos em contextos diversos e que colocam no centro das discussões, o intercruzamento de teóricos e temas que são ricos e caros para Filosofia e para Ciências Humanas de modo geral. Entre eles podemos citar: Adorno – educação emancipadora; Karel Kosik – e a dialética concreta; Freire e Nietzsche – com a transversalização da educação bancária; Foucault – exercício de si, entre outros.

Nos textos desta obra, a “linguagem é vazada em metáforas e retóricas, e é dessa forma heterogênea, que a escrita filosófica lança mão, conscientemente ou não”<sup>1</sup>. Com isso, a obra, acaba sendo um convite à emersão ao mundo do conhecimento e da sabedoria, perpassados pelos ‘discursos’, ‘reflexões’ e ‘questões’ filosóficas.

Diante o exposto, desejamos a todos vocês uma excelente leitura.

Dr. Marcelo Máximo Purificação

Dr. Eleno Marques de Araújo

Dra Elisângela Maura Catarino.

---

1. COSTA, G. G. A escrita filosófica e o drama do conhecimento em Platão. Miolo Archai 11-1, indd, 2013,p.11.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A TEORIA CRÍTICA DA ESCOLA DE FRANKFURT E A EDUCAÇÃO EMANCIPADORA EM ADORNO	
Jonathan Junges	
Everton Silva Silveira	
Tiago Anderson Brutti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9032016091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
A CRISE DA VERDADE NA NEGAÇÃO DE OUTREM: TESE E ANTÍTESE NOS ARGUMENTOS ARISTOTÉLICOS DA ESCRAVIDÃO NATURAL, E SEUS POSSÍVEIS RESQUÍCIOS NA ATUAL DEMOCRACIA	
Wanderson Carlos Lisboa Maia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9032016092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
A DIALÉTICA DA TOTALIDADE CONCRETA DE KAREL KOSIK	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9032016093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
A RELAÇÃO DO ARTIVISMO COMO ANTI-ESTRUTURA EM TURNER E ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA EM FOUCAULT, NUMA CONCEPÇÃO DE ARTE CONTRA O ESTADO; ROMPENDO COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS REPRESENTATIVOS E INSTITUCIONAIS QUE CARREGAM CONSIGO O PROBLEMA DO RECONHECIMENTO E A FALTA DX OUTRX NA RESISTÊNCIA CONTRA O ESTADO	
Bartira Dias de Albuquerque	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9032016094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA DIFERENÇA: REFLEXÕES SOBRE POLÍTICAS INCLUSIVAS NA EDUCAÇÃO E SUAS PRÁTICAS DE GOVERNO	
Sandra Cristina Moraes de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9032016095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>59</b>
FREIRE, NIETZSCHE E A TRANSVALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BANCÁRIA	
Pablo Michel Barcelos Pereira	
Williams Ferreira Portela	
Marcelo Peres Geremias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9032016096</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>66</b>
MICHEL FOUCAULT E O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO: O COABITAR PROBLEMAS COMO UM EXERCÍCIO DE SI	
Daniel Salésio Vandresen	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9032016097</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>77</b>
FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA UBUNTU: AFROPERSPECTIVAS E O HUMANISMO AFRICANO	
<i>Kellison Lima Cavalcante</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9032016098</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>86</b>
MATERIALISMO HISTÓRICO: O PROBLEMA DA NECESSIDADE E CONTINGÊNCIA	
<i>Lutiero Cardoso Esswein</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9032016099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>95</b>
NOTA SOBRE A CRIAÇÃO FILOSÓFICA NA SOCIOPOÉTICA – ALGUNS CRUZAMENTOS INTERCULTURAIIS	
<i>Jacques Gauthier</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.90320160910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>108</b>
RANCIÈRE E A EFICÁCIA POLÍTICA DA LITERALIDADE	
<i>Joelson Silva de Araújo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.90320160911</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>114</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>116</b>

## MATERIALISMO HISTÓRICO: O PROBLEMA DA NECESSIDADE E CONTINGÊNCIA

*Data de aceite: 01/09/2020*

*Data de submissão: 12/06/2020*

**Lutiero Cardoso Esswein**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Montenegro – Rio Grande do Sul  
<http://lattes.cnpq.br/6101098122118505>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo expor a interpretação do materialismo histórico que atribui uma prioridade explicativa ao desenvolvimento das forças produtivas e os problemas que esta interpretação implica, principalmente em relação à ausência de liberdade e contingência que é usualmente vinculada a esta interpretação. Como uma solução possível a estes problemas, exporemos um modelo alternativo do materialismo histórico, o qual tenta conciliar as formulações deterministas de Marx com suas formulações contingenciais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações de Produção; Forças de Produção; Luta entre classes.

### HISTORICAL MATERIALISM: THE PROBLEM OF THE NECESSITY AND CONTINGENCY

**ABSTRACT:** This article aims to expose the interpretation of the historical materialism that assigns an explanatory priority to the development of the productive forces and the problems that this interpretation entails, mainly concerning to the absence of freedom and contingency that is usually linked to this interpretation. As a possible

solution to these problems, we will expose an alternative model of historical materialism, which attempt to conciliate the deterministic formulations of Marx with his contingency formulations.

**KEYWORDS:** Relations of Production; Forces of Production; Class Struggle.

### 1 | INTRODUÇÃO

Entre os debates que giram em torno da teoria de Marx, um dos que mais cisões engendrou entre os adeptos das concepções do filósofo alemão foi aquele acerca das formulações deterministas, vinculadas ao desenvolvimento das forças produtivas, e das formulações contingenciais, vinculadas aos conflitos políticos e agência das classes sociais, do materialismo histórico.

No interior desta querela, os marxistas dividiram-se em dois grandes grupos em oposição quanto à interpretação do materialismo histórico: de um lado, os adeptos de um modelo da concepção histórica de Marx segundo o qual o desenvolvimento das forças de produção deve, inevitavelmente, levar a transformações na base econômica e, deste modo, as agências sociais necessárias para estas transformações estariam pré-determinadas, mecanicamente, pelo desenvolvimento das forças produtivas; do outro, os adeptos de uma interpretação do materialismo histórico caracterizada por conceber a agência das classes sociais como sendo desprovida de uma vinculação inexorável

com o desenvolvimento das condições materiais e, deste modo, caracterizada também por sustentar a liberdade dos atores sociais assim como a contingência dos eventos da história, em detrimentos das leis históricas que Marx, inúmeras vezes, expôs ao longo de toda sua obra.

Neste texto, exporemos a interpretação proposta pelos adeptos do modelo determinista do materialismo histórico e os problemas decorrentes deste modelo. Posteriormente, apresentaremos um modelo interpretativo alternativo da teoria da história de Marx, proposto inicialmente por Andrew Levine e, por fim, discorreremos acerca da capacidade que este último modelo apresenta para solucionar os problemas decorrentes das interpretações anteriores.

## 2 | AS LEIS HISTÓRICAS: O DETERMINISMO DO MATERIALISMO HISTÓRICO

Ao longo de toda a sua obra, Marx sustentou uma concepção universalista do movimento do processo histórico. A seguinte passagem do prefácio do *Contribuição à Crítica da Economia Política* (1859) se tornou o texto referencial nos debates entre os marxistas acerca desta concepção universalista da história:

[...] na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais [...] Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais elas se haviam desenvolvido até então. De formas evolutivas das forças produtivas que eram, essas relações convertem-se em entraves. Abre-se, então, uma época de revolução social (MARX, 2008, p. 41).

Vemos nesta passagem do filósofo alemão a exposição de quatro teses que constituem sua concepção universalista do processo histórico, são elas: [1] as relações materiais de produção de uma época histórica correspondem a um grau de desenvolvimento das forças de produção; [2] as forças de produção se desenvolvem ao longo da história; [3] em um dado momento desse desenvolvimento, as forças produtivas entram em contradição com as relações materiais de produção; [4] a partir do momento em que esta contradição se estabelece, realiza-se uma revolução social, em que aquelas relações de produção que se tornaram incompatíveis são substituídas por novas relações de produção que precisam ser compatíveis com as forças produtivas desenvolvidas.

A mesma formulação se encontra em outros textos de Marx, como em *A Miséria da Filosofia*:

As relações sociais estão intimamente ligadas às forças produtivas. Adquirindo

novas forças produtivas, os homens transformam o seu modo de produção e, ao transformá-lo, alterando a maneira de ganhar sua vida, eles transformam todas as suas relações sociais (MARX, 1985, p.106).

Assim, de acordo esta formulação universalista do materialismo histórico, a história humana se realiza segundo uma lógica orientada ao progresso das forças produtivas: as relações de produção que se tornam incompatíveis com as forças de produção que se desenvolveram em seu seio são substituídas por novas relações de produção que possuem uma relação de compatibilidade com aquelas.

Todavia, a compreensão mais exata da concepção histórica defendida por Marx depende de entendermos o que significa dizer que as relações de produção correspondem às forças de produção e, inversamente, o que significa dizer que ambas se encontram em contradição.

Segundo uma das interpretações mais antigas e vigentes do materialismo histórico, a qual denominaremos de interpretação *tecnologicista*, a relação de correspondência ou compatibilidade entre um nível de desenvolvimento das forças produtivas  $x$  e um conjunto de relações de produção  $y$  se dá quando  $y$  for o conjunto de relações de produção mais eficiente em fazer uso da capacidade produtiva  $x$ . Sendo assim, de acordo com a interpretação *tecnologicista*, um determinado conjunto de relações de produção se estabeleceria em uma época histórica por fazer um uso eficiente das forças produtivas existentes; como estas últimas se desenvolvem ao longo do tempo, em um dado momento deste desenvolvimento, as relações de produção até então vigentes deixariam de fazer um uso eficiente das forças de produção modificadas e, sendo assim, entrariam em contradição com elas. A partir desta contradição, entendida no sentido de que as relações de produção passam a fazer um uso ineficiente das forças de produção, as primeiras seriam substituídas por novas relações de produção mais eficientes. Ou seja, o processo histórico se configuraria como sendo uma adaptação contínua das relações econômicas de modo a permitir um uso eficiente da capacidade produtiva.

Essa interpretação *tecnologicista* foi defendida por muitos marxistas, como o russo Georgi Plekhanov (1856-1918), cuja concepção teórica influenciou os mencheviques a se oporem a uma revolução socialista na Rússia de 1917, posto que, neste momento histórico, as forças de produção desse país precisariam se desenvolver muito para se tornarem compatíveis com uma organização econômica comunista. Outro expoente marxista alinhado à concepção *tecnologicista* do materialismo histórico foi Gerald Cohen, o qual, na obra *Karl Marx's Theory of History: a Defence* (1978), fez uso dos instrumentos da filosofia analítica para defender a factibilidade do materialismo histórico segundo esta interpretação *tecnologicista*.



### 31 A LUTA ENTRE CLASSES: A CONTINGÊNCIA DO MATERIALISMO HISTÓRICO

A exposição feita até aqui da concepção *tecnologicista* materialismo histórico parece bastante plausível: indivíduos que produzem socialmente e que, deste modo, compartilham dos frutos da produção social, vão sempre preferir aquelas relações que mantêm entre si que aumentam a capacidade da sociedade de criar riqueza. Entretanto, esta exposição abstraiu até aqui de uma determinação essencial da maioria das sociedades: a de que estas são constituídas por classes.

As relações de produção se configuram como relações de poder de um grupo de indivíduos sobre os meios de produção e a força de trabalho. Disto se segue que a substituição de uma relação de produção dominante por outra equivale à substituição de uma classe dominante por outra. A classe dominante da forma econômica defasada vai pretender preservar esta organização social. Ainda que a substituição de determinadas relações de produção defasadas por outras que já se mostram factíveis e que exibem uma eficiência maior no uso das forças de produção seja um avanço da capacidade de produzir a riqueza material, para os indivíduos da classe dominante daquela forma social defasada esta substituição representa a perda de sua posição social de domínio e privilégio. Sendo assim, é racional esperar que os indivíduos desta classe façam de tudo para manter a relação de produção vigente.

Por definição, a classe dominante controla a superestrutura e vai utilizar a mesma para preservar a ordem econômica vigente. É na instância da superestrutura, na luta entre ideias e pelo poder do estado, que se realiza o conflito entre classes. O estado é um elemento central da superestrutura, pois sendo ele o monopólio da força, é o poder coercitivo capaz de impor sobre as demais classes a vontade daqueles grupos sociais que o controlam. Uma revolução é a transferência do poder do estado de uma classe para outra. A partir do momento em que uma classe toma o estado, despojando seu controle de outra, ela deve fazer valer seus interesses específicos de classe, modificando as instituições que antes eram utilizadas para os interesses da classe dominante anterior, fazendo delas meios para atingir seus fins, criando as condições sociais para a melhor realização destes fins. Portanto, a substituição de uma relação de produção por outra somente é possível por meio de uma luta entre classes, luta esta cujo objetivo principal é o controle do estado. Deste modo, a luta entre classes é o mecanismo essencial pelo qual se dá a substituição de uma relação de produção defasada por outra mais eficiente sob a perspectiva da capacidade de produção.

Se for assumido que a substituição de determinadas relações de produção menos eficientes em gerir as forças produtivas por outras mais eficientes é inevitável, tal como afirma a interpretação *tecnologicista*, e se for assumido também que esta substituição somente pode se realizar por meio de uma luta entre classes, disto se segue necessariamente que

aquela classe cujo projeto de dominação corresponde a uma forma mais eficiente de gerir as forças de produção necessariamente sobrepujará a classe dominante da forma menos eficiente. Com isto, pode-se concluir que, para a interpretação *tecnologicista*, o resultado da guerra entre classes já está pré-determinado pelo conflito entre relações de produção e forças de produção.

Todavia, esta conclusão implicaria na suposição de que a agência das classes sociais é determinada mecanicamente pelas relações econômicas e pelo desenvolvimento das forças produtivas e, sendo assim, as explicações de Marx do processo histórico pressuporiam a inexistência da liberdade dos agentes sociais. Mas, como afirmam Levine, Sober e Wright, não há na teoria de Marx nenhuma justificativa para que as ações das classes sociais sejam vinculadas mecanicamente ao desenvolvimento e posterior contradição das relações de produção com as forças produtivas:

[...] as capacidades de classe são determinadas por uma variedade de fatores que são irreduzíveis ao desenvolvimento das forças de produção. [...] a própria mudança tecnológica pode minar, sistematicamente, as capacidades de luta entre classe da classe trabalhadora (LEVINE et al, 1993, p.74).

Mesmo quando se trata da investigação que Marx efetua da dinâmica interna específica das relações de produção capitalistas, investigação esta em que Marx consumiu a maior parte de seu tempo de estudo, não se produziu nenhuma conclusão que permitisse sustentar uma relação necessária entre o desenvolvimento das forças produtivas e a eclosão de uma revolução dirigida pela classe do proletariado:

[...] torna-se claro que não existe uma ligação unívoca e automática, mesmo de caráter tendencial, entre a mudança tecnológica e o desenvolvimento no capitalismo e o crescimento das capacidades da classe trabalhadora para a transformação revolucionária do capitalismo para o socialismo (LEVINE et al, 1993, p.76)

Para que uma classe revolucionária passe a existir é necessário que os indivíduos de uma classe potencialmente revolucionária tenham consciência de seu pertencimento a esta camada social e que tenham interesse em promover uma revolução. Em o *Manifesto Comunista*, Marx expõe como a tomada de consciência da classe trabalhadora depende das condições objetivas de sua existência:

[...] com o desenvolvimento da indústria, o proletariado não apenas se multiplica; comprime-se em massas cada vez maiores, sua força cresce e ele adquire consciência dela. Os interesses, as condições de existência do proletariado se igualam cada vez mais à medida que a máquina extingue toda a diferença de trabalho e quase por toda parte reduz o salário a um nível igualmente baixo (MARX, 1998, p.47).

Todavia, as condições objetivas que tornam possível a formação de uma identidade comum de classe não possuem um vínculo necessário com o desenvolvimento das forças

de produção, de modo que este último fosse condição suficiente para a formação de uma identidade comum de classe.

Além da identidade de classe, os membros das classes revolucionárias precisam ter também a capacidade de promover uma revolução, pois a classe dominante de uma época tem à sua disposição as instituições coercitivas e ideológicas, as quais constituem os mecanismos de resistência desta classe para conter uma possível transformação da base econômica. Portanto, uma revolução somente se torna possível se as classes revolucionárias conseguirem constituir uma força superior à da resistência. A capacidade de uma classe ou conjunto de classes em superar esta resistência depende de que elas consigam desenvolver uma organização política substancial e promover alianças com outras classes constitutivas da mesma formação social por meio da generalização do interesse de instaurar novas relações de produção dominantes. Todos estes fatores são condicionados pelas escolhas e estratégias tomadas pelos agentes envolvidos neste conflito. Portanto, as ações realizadas pelas classes são determinadas pelo livre-arbítrio dos indivíduos e, deste modo, tanto o estabelecimento da luta entre classes quanto a resultante deste conflito se apresentam como contingentes.

A atribuição de liberdade à agência dos atores históricos e de contingência ao processo histórico é uma premissa fundamental da teoria da história de Marx. Porém, como dito anteriormente, o materialismo histórico concebe que, ao se tornarem incompatíveis as relações de produção e as forças produtivas, ocorre então uma substituição das relações de produção dominantes, e como esta substituição somente se dá por meio da luta entre classes e sua resultante em prol das classes revolucionárias, disto parece se seguir que a vontade e agência das classes são pré-determinadas por leis históricas necessárias, o que acarreta na negação da liberdade dos indivíduos.

Portanto, a consistência interna do materialismo histórico depende de que se consiga responder à seguinte questão: como é possível sustentar que a história possui uma dinâmica necessária sem que com isto se negue a liberdade vinculada à vontade e agência dos atores históricos? Ou colocado de maneira inversa: como sustentar esta liberdade sem negar a atribuição de uma dinâmica necessária ao processo histórico?

Em suma, de que modo poderia ser possível demonstrar que as formulações deterministas do materialismo histórico seriam compatíveis com a suposição de que o processo histórico se desdobra a partir de ações e eventos contingentes?

## **4 | O MATERIALISMO HISTÓRICO COMO UMA TEORIA DAS POSSIBILIDADES HISTÓRICAS**

Em *Arguing for Socialism* (1984), Andrew Levine defende um novo modelo de materialismo histórico, o qual o autor denomina de “núcleo racional”. Todavia, em razão das características deste modelo, e para contrapor à interpretação *tecnologicista*, denominaremos a concepção de Levine de teoria das possibilidades históricas.

Segundo Levine: “Reduced to its rational kernel, historical materialism is a theory of possible production relations; an account’ of what can be placed on the historical agenda, in view of the level of development of productive forces” (LEVINE, 1984, p.194). Ou seja, esvaziado de suas formulações deterministas e de sua pretensão de proporcionar uma explicação que justifique que o processo histórico possui uma direcionalidade necessária, o materialismo histórico propicia a compreensão daquilo que é possível no interior das condições materiais existentes em uma época determinada.

De acordo com esta pretensa inovação de Levine, o nível de desenvolvimento das forças de produção só é compatível com um conjunto limitado de relações de produção; mas isto também significa dizer que para um determinado nível de desenvolvimento das forças de produção, existe um conjunto de relações de produção que não são possíveis. Deste modo, as forças de produção se constituem em um conceito explicativo importante do processo histórico, posto que este conceito delimita as possibilidades históricas das relações de produção e, deste modo, o conjunto das possibilidades históricas que podem resultar das ações das classes, em relação às quais as estratégias das ações dessas classes devem se vincular.

A concepção de Levine do materialismo histórico assume que é o resultado da luta entre classes que determinará se as relações de produção dominantes vigentes serão ou não substituída por outras, e quais serão as características específicas das novas relações de produção dominantes, no caso de uma transformação. Sendo assim, esta versão do materialismo histórico discorda da interpretação *tecnologicista* segundo a qual a resultante do conflito entre classes será sempre a do estabelecimento das relações de produção mais ótimas em relação à eficiência do uso das forças produtivas. Para a concepção de Levine, o resultado da luta entre classes depende de uma série de variáveis contingentes e que não são determinadas exclusivamente pela relação de eficiência ou não entre a forma social de organização econômica dominante e as forças produtivas. Todavia, qualquer que seja o resultado do conflito entre classes, ele tem de estar entre as possibilidades históricas da época, e estas possibilidades, por sua vez, são estabelecidas pelo nível de desenvolvimento das forças de produção. Ou seja, enquanto que as forças de produção estabelecem o conjunto de relações de produção possíveis, a luta entre classes “seleciona” qual, dentre as relações de produção que pertencem ao conjunto do possível, será aquela dominante em uma época. Embora nesta concepção de Levine o poder explicativo das forças de produção seja bastante esvaziado, ele ainda se mostra como muito relevante, pois as formas econômicas possíveis são sempre em número muito limitado (HOBSBAWN, 1975, p.58).

Deste modo, o modelo do materialismo histórico que denominamos de teoria das possibilidades históricas modifica o significado de compatibilidade e de incompatibilidade entre as relações de produção e as forças produtivas. A relação de compatibilidade passa a significar apenas que, posto um determinado nível de desenvolvimento das forças de

produção, existe um conjunto de relações de produção que torna possível que a produção material se dê a partir da organização econômica propiciada por essas relações. Sendo assim, ainda que uma forma econômica vigente seja pouco eficiente, tendo em vista que sua perpetuação não significa a impossibilidade da reprodução material da sociedade, não é um imperativo que se realize uma revolução como apregoa a concepção *tecnologicista*.

Por outro lado, a relação de incompatibilidade passa a significar que, posto um determinado nível de desenvolvimento das forças de produção, há um conjunto de relações de produção que são inviáveis como formas de organização da produção social e, neste sentido, elas não são se constituem como possibilidade de organização social da reprodução material da sociedade. Por exemplo, durante a maior parte da história humana a forma de organização social da produção foi, em todos os lugares, a do comunismo primitivo. Isto porque, posto o baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas, as relações de produção constituídas por classes não eram possíveis: as condições materiais para este tipo de configuração econômica não estavam satisfeitas. Relações de produção constituídas por classes somente podem existir quando o nível da produtividade do trabalho permite que os seres-humanos produzam mais bens materiais do que a quantidade de que precisam para sobreviver. Somente a partir do momento em que as forças de produção estão bastante desenvolvidas é que se torna possível que a sociedade se divida entre uma classe que produz mais víveres do que os necessários para que seus membros reproduzam sua existência material, e outra classe que obtém os seus bens materiais a partir de extração de trabalho excedente da primeira classe. Sendo assim, com o desenvolvimento das forças de produção no seio de uma formação social, surgem as condições materiais de possibilidade para novas relações de produção que antes não eram possíveis.

Muito embora a intenção de Levine seja a de proporcionar um materialismo histórico modificado em relação às próprias formulações de Marx, quando consideramos outros textos de Marx que não aqueles em que o filósofo alemão expõe sua teoria geral da história, sobretudo os textos em que o último procura explicar eventos particulares da história, vemos que o modelo de Levine se aproxima muito mais do materialismo histórico original do que a interpretação *tecnologicista* de Marx. Por exemplo, em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* (MARX, 2009, p.25): “Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles que escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita”.

Deste modo, se por um lado se deva atribuir liberdade à vontade e agência dos seres humanos e classes, por outro, aquilo que estes podem fazer com a sua liberdade se encontra delimitado por um conjunto de possibilidades, sendo este conjunto estabelecido pelas condições materiais de produção. Com isto fica implícito que determinadas relações de produção que se tornaram não-ótimas quanto ao uso e desenvolvimento das forças de produção podem se perpetuar.

## 5 I CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos expor neste texto as formulações gerais do materialismo histórico que engendraram a interpretação da teoria da história de Marx que denominamos de *tecnologicismo*, assim como esta interpretação e o problema que ela acarreta ao suprimir a liberdade dos agentes sociais e a contingência do processo histórico.

Tendo em vista que, inversamente, a interpretação de que a liberdade e a contingência no materialismo histórico cumprem uma função explicativa primordial também pode acarretar em dificuldades, pois é preciso demonstrar de que modo esta interpretação pode ser conciliada com as explicações de cunho deterministas atribuídas ao papel das forças produtivas, expusemos também um modelo alternativo do materialismo histórico, o qual denominamos de teoria das possibilidades históricas, assim como a maneira com que este modelo pode conciliar as teses deterministas e contingenciais do materialismo histórico de Marx.

## REFERÊNCIAS

COHEN, Gerald. **Karl Marx's Theory of History: a Defence**. Princeton: Princeton University Press, 2000.

LEVINE, Andrew. **Arguing for Socialism: Theoretical Considerations**. London: Routledge, 1984.

LEVINE, Andrew; SOBER, Elliot; WRIGHT, Erik Olin. **Reconstruindo o Marxismo**. Trad.: Pedrinho A. Guareshi. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

MARX, Karl. **A Miséria da Filosofia**. Trad.: José Paulo Netto. São Paulo: Global Editora, 1985.

\_\_\_\_\_. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Trad.: Florestan Fernandes. 2 ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

\_\_\_\_\_. **Formações econômicas pré-capitalistas**. Introdução de E. J. Hobsbawn. Trad.: João Maia. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975.

\_\_\_\_\_. **Manifesto Comunista**. Trad.: Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 1998.

\_\_\_\_\_. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. Trad.: Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2009.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aristóteles 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 108, 109, 111

### B

Biopolítica 45, 54, 55, 56

### D

Democracia 5, 8, 15, 37, 77

Dialética 3, 7, 11, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31

### E

Educação 10, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 16, 36, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 76, 77, 85, 95, 99, 114, 115

Educação bancária 10, 59, 61, 62, 63

Emancipação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 16, 43, 66, 68, 71, 109

Ensino de filosofia 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 85

Exercício de si 66, 67, 68, 73

### F

Filosofia 1, 2, 8, 9, 10, 16, 17, 18, 20, 23, 24, 31, 43, 46, 47, 58, 59, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 94, 95, 101, 107, 114, 115

### H

Humanidade 5, 6, 9, 10, 11, 13, 15, 22, 29, 31, 60, 64, 77, 78, 80, 82, 83, 84

### I

Inclusão 41, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 72, 100, 101, 105, 115

Interculturalidade 95

### N

Normalização 45, 53, 54, 56

### P

Política 9, 10, 11, 12, 15, 16, 19, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 41, 42, 43, 49, 71, 76, 81, 82, 84, 87, 91, 94, 108, 109, 111, 113, 115

### R

Racionalismo 1, 2, 24



## **S**

Sociopoética 95, 96, 97, 98, 99, 107

## **T**

Tendências pedagógicas 59, 63, 64

Teoria crítica 1

## **U**

Ubuntu 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85

## **V**

Verdade 1, 8, 13, 18, 19, 23, 28, 30, 31, 34, 35, 37, 38, 43, 48, 51, 57, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 98, 109

# REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)